

1.

Para quê, perguntou ele, para que servem
Os poetas em tempo de indigência?
Dois séculos corridos sobre a hora
Em que foi escrita esta meia linha,
Não a hora do anjo, não: a hora
Em que o luar, no monte emudecido,
Fulgurou tão desesperadamente
Que uma antiga substância, essa beleza
Que podia tocar-se num recesso
Da poeirenta estrada, no terror
Das cadelas nocturnas, na contínua
Perturbação, morada da alegria;

2.

Essa beleza que era também espanto
Pelo dom da palavra e pelo seu uso
Que erguia e abatia, levantava
E abatia outra vez, deixando sempre
Um rasto extraordinário. Sim, a hora,
Dois séculos atrás, em que uma ausência
E o seu grande silêncio cintilaram
Sobre a mão do poeta, em despedida.

3.

Tardia já, pois não restava mesmo
Uma desolação, eco nenhum,
Somente um coração que enlouquecia
Como que por amor, exactamente
À maneira do amor, havendo mesmo
Uma mulher, Diotima, transmigrada
Não pela alma, não pela essência,
Mas pelo que há no corpo do volume
Da estátua, sacralíssimo e terreno,
E duradouro, e pronto a apodrecer.

4.

E, sobre a indignância, não havia
Nada a dizer, nada a fazer, dizia,
Oferecendo a nuca, não sabendo
Para que se movia a sua mão,
Movendo-a, no entanto, proclamando
A grande morte pela qual viria
A morte das palavras, pelo menos
Era o que ele pressentia e enganou-se.

5.

Diz-se: a nossa indignação nada tem
De semelhante à dele. E o seu grito,
Essa pergunta, a última a sair
Da garganta cortada, pouco audível
Entre o golfar do sangue, a desditosa
Pergunta: Para quê?, testemunhando
Que a perda se instalara para sempre,
Era o do filho abandonado, aquele
Que os deuses, retirando-se, não olham
Nem favorecem mais.